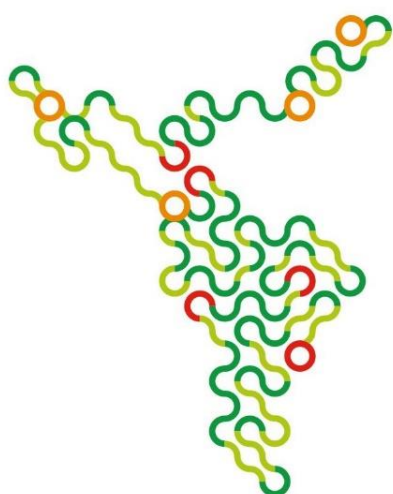


ANAIS DO EVENTO



III CONGRESSO
IBERO-AMERICANO
DE HUMANIDADES,
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:
**Produção e democratização
do conhecimento na
Ibero-América**

22 a 25 de maio de 2018

 Apoio:



 Realização:

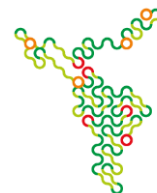


PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

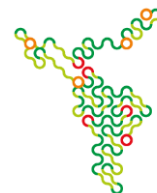




Universidade do Extremo Sul Catarinense
III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e
Educação
Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América



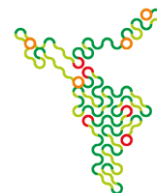
PATRIMÔNIO CULTURAL: MEMÓRIAS, TRABALHO E INDÚSTRIA



TRABALHOS

MEMÓRIAS E IDENTIDADE: AS ESTRUTURAS CARBONÍFERAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA 3
Marli de Oliveira Costa

UM PATRIMÔNIO CULTURAL NAS MEMÓRIAS DA IMPRENSA NO BRASIL: NOS RASTROS DA REVISTA VOZES DE PETRÓPOLIS 15
Cleonice Aparecida de Souza; Claudino Gilz



MEMÓRIAS E IDENTIDADE: AS ESTRUTURAS CARBONÍFERAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA

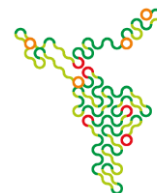
Marli de Oliveira Costa¹

Resumo: Trata-se do estudo realizado em 2017 e financiado pela chamada pública FAPESC Nº 09/2015 de apoio aos Grupos de Pesquisa do Sistema ACADE. O objetivo foi contribuir para a salvaguarda das memórias do patrimônio industrial de Santa Catarina relacionado às Atividades Carboníferas. Como metodologia realizou-se levantamento das estruturas que se encontram nos cenários dos municípios onde houve exploração do carvão direta ou indiretamente. Para tanto foram analisadas as fotografias realizadas pelo GP Memória e Cultura do Carvão de Santa Catarina entre os anos de 2001 a 2004. Na sequência retornou-se a campo, para identificar se essas estruturas ainda encontram-se nos locais e quais suas condições, fotografando-as novamente e tomando as coordenadas geográficas para a construção de um mapa temático. As categorias de análise de maior destaque foram: memória, patrimônio cultural e os estudos acerca das atividades carboníferas em Santa Catarina. O trabalho contou com a participação de 11 pesquisadores/as, sendo uma geógrafa e um fotógrafo. O principal resultado foi a publicação dividida nos seguintes temas: memórias do trabalho, memórias da assistência social, memórias da educação, memórias dos espaços de entretenimentos, memórias do cotidiano nas vilas operárias mineiras, memórias das práticas religiosas e memórias do transporte. As temáticas contaram com um texto de apresentação, as fotografias e um mapa temático que abrange as estruturas divididas pelos temas citados.

Palavras-chave: patrimônio industrial. Memória. Atividades Carboníferas

It is the study carried out in 2017 and financed by the public call FAPESC No. 09/2015 to support the Research Groups of the ACADE System. The objective was to contribute to the safeguarding of the memories of the industrial heritage of Santa Catarina related to the Carboniferous Activities. As methodology was carried out a survey of the structures that are in the scenarios of the municipalities where there was exploration of coal directly or indirectly. For that, the photographs taken by the GP Memory and Culture of the Coal of Santa Catarina between the years 2001 to 2004 were analyzed. In the sequence it was returned to the field, to identify if these structures still are in the places and what their conditions, photographing -as again and taking the geographical coordinates for the construction of a thematic map. The most important categories of analysis were: memory, cultural patrimony and studies about coal mining activities in Santa Catarina. The work had the participation of 11 researchers, being a geographer and a photographer. The main result was the publication divided in the following themes: memories of work, memories of social assistance, memories of education, memories of entertainment spaces, memories of daily life in the working-class towns of Minas Gerais, memories of religious practices and memories of transportation. The themes had a presentation text, the photographs and a thematic map that covers the structures divided by the themes mentioned and a thematic map that will divide the structures divided into themes mentioned.

¹ Profa. Dra do Programa de Mestrado em Educação e dos Cursos de História e Pedagogia da UNESCO. moc@unesoc.net



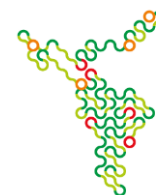
Keywords: industrial patrimony. Memory. Carboniferous Activities

1- Introdução

No sul catarinense, as atividades carboníferas consolidaram determinada identidade para os catarinenses, associada a exploração do carvão mineral. O chamado, por alguns, “Ciclo do Carvão” iniciou no final do século XIX e atualmente restam apenas algumas mineradoras. Durante este Ciclo, as empresas mineradoras construíram uma série de estruturas que deveriam garantir o “bom” funcionamento dos trabalhos. As mineradoras foram responsáveis pela abertura de diversas minas para a extração do carvão e suas sedes administrativas, como também, pelos investimentos nas estruturas de transporte do minério ampliando ramais ferroviários e investindo no Porto de Laguna e Imbituba. Foram também as responsáveis pela construção das vilas operárias e espaços de sociabilidade como os campos de futebol e sedes recreativas. Incentivaram a construção de templos religiosos associados à Santa Bárbara e outros padroeiros e garantiram o funcionamento de armazéns, farmácias etc.

Cada uma dessas construções cumpria um papel fundamental para o perfeito funcionamento das atividades carboníferas: seja para extração ou escoamento do carvão, seja para controle e disciplinarização dos trabalhadores. Com a redução maciça das atividades mineradoras, bem como, com a promulgação de leis ambientais e trabalhistas, os edifícios que materializavam esse setor foram sendo abandonados e extintos dos cenários das cidades. Embora a mineração tenha deixado rastros de destruição ambiental e traumas nas vidas de muitas pessoas, que perderam seus parentes por doenças ou acidentes nas minas de carvão, não se pode apagar o que essas atividades representaram economicamente e identitariamente para o Estado de Santa Catarina.

Boa parte destas estruturas que hoje estão abandonadas sofrendo a ação do tempo podem ser consideradas “lugares de memórias” e apresentam marcas do cotidiano da população envolvida nas atividades carboníferas. Muitos elementos relacionados ao Ciclo do Carvão no estado já foram profundamente estudados. Muitas publicações acadêmicas destacam diferentes aspectos dessa atividade, no entanto, ainda são raros os estudos que buscam compreender as estruturas do carvão como parte da identidade de Santa Catarina, como parte do patrimônio cultural do estado. Por serem estruturas comumente desconsideradas esteticamente, na maioria das vezes, são relegadas pelos



órgãos responsáveis pelo turismo cultural. A paisagem “feia e lunar” gerada pela extração carbonífera não é utilizada em cartões postais e menos ainda utilizada como locais de visitação. No sul do estado, os bens tombados em nível federal e estadual remetem somente ao período da migração europeia excluindo de registros e de ações de preservação as estruturas do carvão.

O grupo de pesquisa Memória e Cultura do Carvão (2000-2010) realizou um levantamento desses edifícios fotografando-os, entanto não tomaram na época as coordenadas geográficas. Tais fotografias estão no Centro de Memória e Documentação da Unesc – CEDOC, que possui um vasto acervo documental sobre a história da região sul de Santa Catarina. O CEDOC realizou a salvaguarda, catalogação, higienização dos diferentes documentos desse acervo.

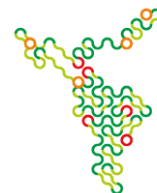
O Grupo de Pesquisas Patrimônio Cultural: Histórias e Memórias enviou um projeto para a chamada pública FAPESC Nº 09/2015 de apoio aos Grupos de Pesquisa do Sistema ACADE. Com o objetivo de contribuir para a salvaguarda das memórias do patrimônio industrial de Santa Catarina relacionado às Atividades Carboníferas. Resultando em uma publicação que se intitula: “Memórias e Identidade: As Estruturas Carboníferas Como Patrimônio Cultural de Santa Catarina”. Tal publicação foi organizada por temáticas, contém fotografias antigas, as realizadas pelo GP Memória e Cultura do Carvão e as atualizadas em 2017. Contém também uma cartografia.

Esse artigo apresenta em um primeiro momento o contexto da mineração em Santa Catarina e na sequência a organização do livro.

2- Contexto geral sobre a mineração em Santa Catarina

O sul de Santa Catarina teve seu desenvolvimento urbano, econômico, social e cultural marcado pela exploração carbonífera, que iniciou em fins do século XIX e início do XX. A descoberta do tal “ouro negro” incentivou a vinda de muitos trabalhadores de diferentes regiões catarinenses, como também de outros estados. A vinda desses trabalhadores e a ideia de progresso, incentivada pela mineração, mudou a paisagem dos municípios afetados, cuja economia era baseada na agricultura e pequeno comércio.

Para abrigar os operários e familiares foram construídas as vilas operárias que possuíam uma estrutura básica que garantia o acolhimento das famílias. A vinda das famílias operárias levou a um aumento populacional intenso, entre 1940-1950 a população praticamente triplicou. (Costa, 1999).



Com o aumento populacional houve a necessidade da construção de escolas, espaços de sociabilidade como também, de uma infraestrutura que possibilitasse maior mobilidade urbana.

Para escoar o carvão houve diversos investimentos em meios de transporte, como a construção da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina (1884), a ampliação do porto de Laguna e a construção do porto de Imbituba. Bem como a construção de Caixas de Embarque do Carvão, para preencher os vagões que levavam o mineral até os Portos.

A extração do carvão teve seu auge durante os anos de 1940 e 1950 impulsionado principalmente, pela Segunda Grande Guerra. Na década de 1980 o setor entrou em crise gerando um número de desempregados. Além do desemprego o setor legou para toda a região um grande impacto ambiental fruto da exploração impetuosa e desmedida do minério, que transformou espaços de mata atlântica em depósitos de "pirita", o rejeito do carvão, possuidor de alto teor de enxofre.

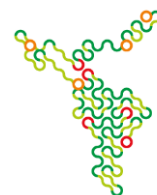
Com o decréscimo da produção carbonífera no fim do século XX e a retirada de subsídios governamentais muitas Companhias Mineradoras decretaram falência abandonando suas estruturas, que ficaram sem uso nas cidades. Porém diferentemente do que se possa pensar, essas construções no momento sem utilidade, funcionam evocadoras de memórias das cidades e de seus habitantes.

Estas estruturas estão localizadas em diferentes cidades da Associação dos Municípios da Região Carbonífera- AMREC e de alguns municípios da Associação dos Municípios de Laguna- AMUREL.

Assim, foi de fundamental importância revisitar esses locais realizando novos registros e percebendo como estes bens ainda fazem parte das memórias e histórias das comunidades. Esses registros possibilitam repensar esses espaços valorizando as memórias locais e difundindo a importância da preservação patrimonial.

3- Sobre o Patrimônio Cultural

Como o estudo se refere a identificação dos suportes de Patrimônio cultural que a mineração construiu, foi necessário revistar as teorias que envolvem essa área. Para discutir a importância da preservação do patrimônio cultural, precisou-se abordar os conceitos de memória e identidade. O conceito de Patrimônio Cultural diz respeito a todas as relações que apresentam um significado especial, afetivo, político ou social para um lugar. O Patrimônio Cultural pode ser dividido em bens tangíveis e bens intangíveis, ou seja, cultura material e imaterial. Compreendemos por bens tangíveis



monumentos, edifícios construídos pelos humanos, bem como rios, vales, montanhas, matas erguidos no processo natural desse planeta. Os bens intangíveis são os saberes, as técnicas, as práticas culturais que envolvem a culinária, o artesanato, a música, as fábricas rudimentares, a dança, as artes de forma geral. (Lemos (1982)

O estudo alcançou nesse momento apenas os bens tangíveis, no entanto, compreendemos a presença dos bens imateriais associados à materialização das estruturas carboníferas, nos saberes, nas celebrações e nas expressões culturais que estão presentes na própria materialidade.

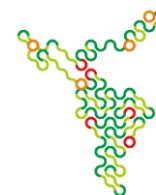
Ao discutir a importância da preservação do patrimônio cultural em uma sociedade, estamos reforçando o direito à memória, pois o desaparecimento de alguns patrimônios apresenta-se como uma ameaça ao DIREITO DA PRODUÇÃO CULTURAL construídos pela sociedade, ao DIREITO A MEMÓRIA HISTÓRICA, garantido pela Constituição brasileira no art 215 - "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais".

4- A pesquisa e a organização do livro

Como já foi mencionado as atividades carboníferas do estado de Santa Catarina proporcionaram mais do que transformações urbanas ou índices econômicos; essa atividade cunhou uma identidade para a região. O cotidiano ligado a extração do carvão criou hábitos, construiu relações tensas entre patrões e mineiros, proporcionou a criação de sindicatos e times de futebol; incentivou a fé católica; proporcionou ações de controle e higiene para os habitantes do sul; sendo que entre essas práticas havia apropriações e resistências. Com as crises no setor carbonífero muitas práticas foram se transformando e sendo ressignificadas.

No entanto, as marcas da identidade carbonífera permanecem ainda hoje materializadas em diversas estruturas espalhadas pelo sul catarinense. Esses bens nos permitem ativar memórias referentes à região, memórias por vezes silenciadas. Muitas estruturas estão localizadas em comunidades em risco social, excluídas das mudanças que a diversificação econômica e as crises do setor carbonífero proporcionaram.

Nesse sentido, buscamos por meio do registro fotográfico das estruturas do carvão valorizar as memórias e histórias dessas localidades, valorizando esses locais de memória como possíveis bens patrimonializáveis. Essa ação ajuda a preservar as memórias relacionadas às atividades carboníferas



e a incentivar a preservação e apropriação desses bens pelas comunidades. Em muitos locais existem disputas em torno desses bens em que a dicotomia preservação x progresso produz muitas tensões.

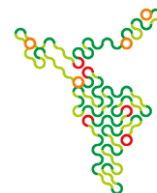
Muitas comunidades valorizam esses bens e buscam órgãos competentes para preservá-los. No entanto, algumas empresas decidem demolir tais estruturas para não se responsabilizar por elas. É importante ressaltar que apesar da extração do carvão ter levado o estado de Santa Catarina ser reconhecido nacionalmente, a região só possui um bem tombado em nível estadual¹ e nenhum em nível federal relacionados a este ciclo econômico.

Para efetuar a coleta de imagens em um primeiro momento foi consultado o acervo do Grupo de Pesquisa Memória e Cultura do Carvão-MCC, que durante os anos de 2001 a 2010, organizou vasta documentação sobre a temática, atualmente disponível para consulta no CEDOC. O segundo momento da investigação foi visitar todos os lugares mapeados entre 2001 e 2003 para identificar se as estruturas registradas pelo GP Memória e Cultura do Carvão ainda encontram-se nos locais aferidos anteriormente e quais suas condições, registrando por meio de fotografias sua situação atual.

Ao retornar aos locais percebemos que alguns deles desapareceram totalmente, substituídos por loteamentos, como a primeira mina de Criciúma, localizada no bairro Santo Antônio, ou áreas totalmente vazias onde havia uma Caixa de embarque, por exemplo. Tivemos inclusive, dificuldades em nos localizar, pois as edificações do início dos anos 2000 nos eram referências para reconhecermos os locais. Tal constatação mostra a dinâmica de transformação das paisagens e a dificuldade das cidades em conviver com as estruturas consideradas ‘velhas’, “estorvos” e “feias”, paradigmas alimentado pela lógica do que deve ser compreendido como moderno.

As pistas das atividades carboníferas em Santa Catarina não se encontram apenas nas ruínas ou nas edificações que resistiram as mudanças de paradigmas do que é moderno. Ao caminhar pelos municípios afetados por essa atividade econômica que refletiu sobremaneira na vida social e cultural das pessoas, é possível perceber as marcas dos empreendedores do carvão nas denominações de bairros e ruas. Educandários e clubes de recreação. Esses nomes cravam nas cidades a identidade de quem comandava. Raramente o nome de um trabalhador é lembrado e quando supostamente se ergue um monumento, como o Monumento ao Mineiro, situado no centro de Criciúma, esse é anônimo. E,

¹ Em 2018 foi tombado pela lei estadual o antigo prédio do Departamento Nacional de Produção Mineral-DNPM, localizado em Criciúma.



representa apenas os homens, como se as mulheres não tivessem feito parte desse contexto e as placas em torno do mesmo têm nome e identidade, de quem? Dos os empresários do carvão.

Tais locais são, nas palavras do historiador francês, Pierre Nora, “lugares de memórias”. Alguns erguidos para referendar a memória oficial dos empreendedores, permanecem, outros desapareceram ou tendem a desaparecer porque não referenciam mais a ideia de progresso ou não fazem alusão aos heróis do ciclo do carvão em Santa Catarina.

Podemos afirmar que estas edificações constituem-se Patrimônio Cultural que remetem as memórias de um determinado tipo de trabalho que interferiu na paisagem dos lugares e construiu identidades. No entanto, a partir do momento que esta atividade econômica deixou de ser muito rentável foi abandonada ou diminuída consideravelmente. Restam as marcas no espaço e nas lembranças de quem conviveu com tais experiências.

Em síntese sobre o trabalho investigativo, foram realizadas nove saídas a campo para fotografar e anotar as coordenadas geográficas de cada local; Foram realizadas 247 fotografias de bens imóveis. Retiradas as coordenadas geográficas de 121 locais, considerados de relevância para a cartografia. Reveladas 287 fotografias, algumas antigas, algumas de 2002 a 2004, do acervo do grupo de pesquisas Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina, disponíveis no CEDOC, e as que foram realizadas em 2017. Esta publicação não deu conta de todas as impregnações relacionadas as atividades carboníferas. Necessitaríamos de mais tempo de pesquisa para investigar com dedicação cada município e, em cada município cada comunidade afetada pela mineração. O que lançamos nesse momento é fruto de escolhas referentes aos imóveis considerados por nós com relevância e significado para compor a obra.

4.1 Os temas

Os historiadores João Henrique Zanellato e Tiago da Silva Coelho se debruçaram sobre as edificações que reportam as memórias do **trabalho na mineração**, como as minas, lavadores, caixas de embarque, sedes administrativas, sedes dos sindicatos. O que encontraram? Bocas de mina soterradas, locais vazios, ou preenchidos por praças, onde havia caixas de embarque do carvão, estruturas de oficinas e sede administrativas da Companhia Siderúrgica Nacional-CSN, dos municípios de Criciúma e Siderópolis em completo abandono. E, alguns lugares ainda em funcionamento, como o complexo de Capivari e o Porto de Imbituba. Nas palavras dos autores:



As caixas de embarque, bocas de minas, oficinas, escritórios, chaminés, coqueiras, sedes administrativas, bustos e sindicatos, são agentes catalisadores de memórias vivas, de saberes práticos e de experiências únicas. Desde Criciúma até Imbituba, de Lauro Müller, Urussanga, Içara, Treviso, Siderópolis até Tubarão, milhares de vidas, de experiências humanas foram transformadas por essas estruturas que hoje, em grande parte correm o risco de se transformarem em ruínas. (COELHO E ZANELATTO, 2017, p. 19)

Paulo Sergio Osório e Susane Da Costa Waschinewski discutiram os **lugares das memórias da educação**, principalmente as escolas, no entanto por entendermos os museus como espaços de educação, os locais que foram musealizados entram também nessa discussão. Alguns educandários receberam nomes que imortalizam os empresários dos carvão, como a escola Herique Lages em Imbituba e a Barão do Rio Branco em Urussanga. Algumas delas, como colocam a autora e o autor:

Muitas das escolas desapareceram no tempo, e, com elas, muitas das tantas memórias escolares, sobrando apenas ruínas ou restos carregados de memórias incrustadas nos destroços e esmaecidas no tempo. Outras resistiram e chegaram até os nossos dias e permanecem presentes na paisagem das comunidades, nos ajudando a lembrar de tempos passados de uma cultura escolar indissociada da cultura do carvão. São edificações que resistiram e ainda resistem à lógica paradigmática imposta pela modernidade, onde a necessidade do “novo” em detrimento do “velho” se apresenta de forma imperiosa, ininterrupta e voraz, muitas vezes, expressa pela ambiciosa especulação imobiliária. (OSÓRIO e WASCHINEWSKI, 2017.p. 33)

Os lugares que mostram as alianças realizadas entre Estado, Igreja e Empresas, locais onde os trabalhadores e suas famílias recebiam assistência, ou seja, **as memórias da assistência** materializadas nos hospitais, farmácias, ambulatórios e postos de puericultura foram problematizadas por Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves. Tais locais foram construídos com o objetivo de diminuir os efeitos sociais causados pela mineração na população, bem como controlar os trabalhadores fora de seu local de trabalho, como afirmam a autora e o autor:

Neste sentido foi criada na região uma série de medidas assistenciais que tentavam amenizar ou até mesmo eliminar os efeitos negativos desta interdependência, como a ampliação da rede de saúde, sistemas de vigilância sanitária, reurbanização das cidades, campanhas de vacinação, construção de postos de puericultura, hospitais e maternidades, que interligados, constituíam o sistema de assistência à saúde da Região Carbonífera Catarinense. (ALVES E RABELO, 2017, p. 43)

Marli de Oliveira Costa, autora desse artigo, abordou os lugares de **memórias do cotidiano** dos operários mineiros e suas famílias, evidenciando as casas de vilas operárias, armazéns, padarias, caixas de água, as chamadas Cariocas. Espaços de benefício para que as famílias não necessitassem sair do local de moradia em busca dos suprimentos. Como coloca a autora:



Para exemplificar cotidiano nas vilas operárias entre as décadas de 1950-1970 apresento de forma geral três experiências: a) do homem operário mineiro. Trabalhar de acordo com o turno na mina, fazer as refeições enviadas pela esposa, chegar a casa, banhar-se em uma bacia de alumínio e/ou como na Vila da Próspera banhar-se no chuveiro coletivo construído pelas freiras da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providencia. Repousar ou por vezes, frequentar o boteco, jogar cartas, tomar uma cachaça e combinar a próxima partida de futebol ou a ida a Maracangalha²; b) da mulher enquanto esposa- Acordar com a sirene da Maria Fumaça, acender o fogão a lenha, preparar o café, enviar os filhos/as mais velhos a escola, iniciar o almoço, pois teria de ser encaminhado às 10hs para os esposos na Mina; tirar lenhas junto com os filhos e filhas nos matagais próximos, buscar água potável na Carioca, pegar as filas para compra no armazém da Companhia e lavar roupas nos pontos onde eram dispostos os coxos (tanques de madeira). c) as crianças- as mais novas ficavam em casa junto com a mãe, circulavam pelos quintais e ruas da vila, às vezes seminuas, as maiores, iam a escola e ajudavam nos serviços de manutenção da casa; Algumas eram almoceiras, levavam os almoços para seus pais e vizinhos nas minas de carvão. Outras, participavam de atividades educativas e recreativas nas vilas operárias cujas empresas realizaram parcerias com algumas ordens religiosas. (COSTA, 2017, p. 53-54)

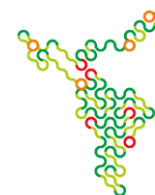
Michele Gonçalves Cardoso tratou do que sobrou dos **espaços de diversão e entretenimento**, ou seja, os clubes recreativos, estádios e campos de futebol e outros construídos também pelas mineradoras como forma de ocupar o tempo livre dos trabalhadores e envolver suas famílias. Nas palavras da autora:

Sobre os espaços de entretenimento, podemos afirmar que ao fomentar a criação destes locais, o empresariado objetivava um maior controle do tempo livre do operariado e de seus familiares. De igual modo, estes espaços de lazer difundiam a disciplina e valores civilizatórios, além de serem instrumentos atenuantes dos atritos entre patrão e empregado. Melhor exemplo da materialização destes discursos são as praças esportivas e seus respectivos clubes de futebol. Seguindo a máxima de que cada ‘boca de mina’ tinha um time, o sul catarinense viu o esporte bretão praticado entre as elites se popularizar de modo febril entre a classe trabalhadora. (CARDOSO, 2017, p. 60-61)

Encontramos também os **locais relacionados a fé**, templos religiosos e cemitérios, a historiadora Michelle Maria Stakonski Cechinel é quem os discute analisando o que dizem as imagens. Espaços que tiveram das mineradoras contribuições significativas para serem erguidos e incentivo para serem frequentados. Todos ligados a fé católica. Pois, como coloca a autora:

As manifestações religiosas desempenhavam um papel significativo na sociedade do sul catarinense, em meio ao contexto da exploração carbonífera. Presentes tanto no cotidiano dos trabalhadores, quanto nos discursos e ações políticas das empresas mineradoras, as evocações de cunho religioso, em especial, de matriz cristã, não se encerravam nos limites da fé individual, nem se limitavam a manifestações em espaços sacros, como capelas, capelinhas e cemitérios, mas faziam parte de um panorama de sociabilidade comunitária, que articulava fé e trabalho, revelando, a nós, a partir de seus vestígios, modos singulares de relacionamento entre o sagrado e a esfera produtiva. (CECHINEL, 2017, p.70)

² Zona do Meretrício em Criciúma.



Por fim os portos, estrada de ferro e pontes são relacionados às **memórias do transporte de carvão**, são apresentados pelo economista Alcides Goularti Filho., que busca registrar o processo de construção destes no cenário catarinense, que passa pela construção da ferrovia Tereza Cristina e os portos de Laguna e Imbituba:

A construção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina (EFDTC) no sul de Santa Catarina está relacionada à descoberta do carvão mineral na cabeceira do Rio Tubarão no município de Laguna e a necessidade de transportá-lo até um porto de embarque. A ferrovia do carvão faz parte da formação e da consolidação do complexo carbonífero catarinense transportando o mineral extraído nas minas em direção ao lavador, à termoeletrônica, à carboquímica e aos portos de Laguna e Imbituba. (GOULARTI, 2017, p.80)

As estruturas encontradas, fotografadas e localizadas por meio das coordenadas geográficas são compreendidas pelos pesquisadores e pesquisadoras deste estudo como patrimônio cultural de Santa Catarina, no grupo do Patrimônio Industrial. Uma categoria recente nas discussões acadêmicas, mas que assinala a importância das memórias dos trabalhadores em seus locais de trabalho.

Considerações

O estudo buscou identificar e valorizar as estruturas do carvão já mapeadas pelo GP Memória e Cultura do Carvão. Os registros do acervo juntamente com novas imagens foram publicados um livro que ressalta a memória visual em dois formatos: impresso e *Ebook* (livro digital). O levantamento das condições atuais dessas estruturas é de fundamental importância para o incentivo de ações que contribuam para a preservação desses bens. Entendemos que a publicação oferecerá visibilidade a bens, sensibilizando para a valorização da história das atividades carboníferas em Santa Catarina. Acreditamos que pudemos reconhecer várias identidades associadas às atividades carboníferas, como elemento da memória coletiva de Santa Catarina; Pudemos verificar quais as estruturas das atividades carboníferas ainda encontram-se presentes na paisagem dos municípios afetados pela mineração; conseguimos identificar imagens dos locais em diferentes temporalidades. Quanto aos possíveis desdobramentos: Em meio acadêmico, Tccs e dissertações; na sociedade o tombamento de alguns dos imóveis visíveis na pesquisa. Pois quatro dos pesquisadores fazem parte do Conselho Municipal de Cultura e da Comissão Técnica de Relatórios e Sugestões de Bens a serem tombados, no município de Criciúma.



O estudo não alcançou os bens móveis, equipamentos usados na mineração e na ferrovia, por exemplo, e não ofereceu visibilidade aos danos ambientais, tais questões podem ser realizadas em futuros projetos.

Referencias

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro, 2009.

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: Vilas Operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de Velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAMPOS, Sebastião Netto. **Uma biografia com um pouco de história do carvão catarinense**. Florianópolis: Insular, 2001.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

_____. (org) **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

_____. **Assistência médica, saúde pública e o processo modernizador da região carbonífera de Santa Catarina (1930-1964)** Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2004.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

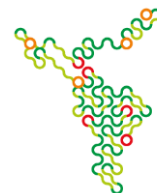
COSTA, Marli de Oliveira. **“Artes de Viver”**: Recriando e Reinventando Espaços-Memórias das Famílias da vila Operária Mineira Próspera/ Criciúma (1945-1961). Dissertação de Mestrado em história. Florianópolis: CFH/UFSC, 1999.

DE DECCA, Edgar Salvadori. **Memória e Cidadania**. In: São Paulo (cidade) Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do patrimônio Histórico. O Direito à memória: patrimônio histórico ecidadania/ DPH. São Paulo, DPH, 1992. p.129-136.

FANTIM, Márcia. **Os significados da experiência de gestão de uma mina pelos trabalhadores em Criciúma/SC** : nas malhas das relações de poder. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1992. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76831>

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989

FILHO, Alcides Goularti (org). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.



- _____. **Padrões de crescimento e diferenciação econômica em Santa Catarina.** 2001. 391 p. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). Cartas Patrimoniais. Brasília, IPHAN, 1995.
- LANDIM, Paula. **Percepção e Preservação Do Patrimônio Arquitetônico.** In: V Seminário Nacional. I Encontro Latino Americano de Preservação e Revitalização Ferroviária. Anais. Piracicaba, SP, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Lisboa: Enciclopédia Einaudi, 1984.
- NASCIMENTO, Dorval do. **As curvas do trem:** a presença da estrada de ferro no sul de Santa Catarina (1880-1975), cidade, modernidade e vida urbana. Criciúma: Unesc, 2002.
- RABELO, GIANI. **Entre o hábito e o carvão :** pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- SILVA, José da Jr. **Histórias que a Bola esqueceu:** trajetória do Esporte Clube Metropole de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1997.
- THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária I.** São Paulo: Paz e Terra, 1987
- _____. **Tiempo e disciplina de trabajo y Capitalismo Industrial.** In: *Revuelta y Consciência de Classe.* Barcelona: Crítica, 1984.
- VOLPATO, Terezinha Guasho. **A Pirita Humana:** os mineiros de Criciúma. Florianópolis: EDUFSC, 1984.
- VOLPATO, Terezinha Guasho. **Os trabalhadores do carvão:** a vida e a luta dos mineiros de Criciúma. São Paulo: USP, 1989. (Tese de Doutorado em Sociologia.)



UM PATRIMÔNIO CULTURAL NAS MEMÓRIAS DA IMPRENSA NO BRASIL: NOS RASTROS DA REVISTA VOZES DE PETRÓPOLIS

Cleonice Aparecida de Souza¹
Claudino Gilz²

Resumo: Nesta pesquisa focalizamos a atuação do franciscano frei Pedro Sinzig (1876-1952), em Petrópolis (Rio de Janeiro), durante os anos de 1908-1913, período em que atuou simultaneamente como redator da revista “Vozes de Petrópolis” e diretor da “Typographia da Escola Gratuita São José”. Tivemos por objetivos analisar a trajetória, as iniciativas editoriais e os interlocutores desse franciscano enquanto atuou como redator da revista Vozes de Petrópolis, assim como rastrear nos fascículos da revista Vozes de Petrópolis indícios de tensões e disputas relativas à história da educação franciscana no Brasil em conexão com a história da imprensa nacional. Na materialidade da revista identificamos aspectos técnicos que orientam sua produção, publicação e circulação em conexão com algumas questões que balizaram a trajetória da imprensa no Brasil e na América Latina, nas primeiras décadas do século XX, sem descarmos de aspectos voltados à distribuição de impressos periódicos no território brasileiro. Posto que, essa revista é uma fonte documental significativa para a história da educação brasileira por entre seus fascículos, flagramos visões de mundo, práticas de leitura valorizadas naquele contexto sociocultural, assim como indícios do público leitor ao qual se destinava e do lugar social do qual seus colaboradores e editor escreviam.

Palavras-chave: Imprensa. Patrimônio. Memória.

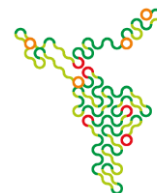
A CULTURAL HERITAGE IN THE MEMORIES OF THE PRESS IN BRAZIL: FOLLOWING THE PATH OF THE MAGAZINE “VOZES DE PETRÓPOLIS”

Abstract: We focused this research on the works of the Franciscan friar Pedro Sinzig (1876-1952), in Petrópolis (Rio de Janeiro), between the years of 1908-1913. During this period, he simultaneously worked as a magazine editor of ‘Vozes de Petrópolis’ and as a director of ‘Typographia da Escola Gratuita São José’. Our objective was to analyze the trajectory, the editorial initiatives and the interlocutors of this Franciscan while he worked as the editor of ‘Vozes de Petrópolis’ as well as to track back, in the magazine, evidences of the tensions and disputes over the history of the Franciscan education in Brazil, connecting it with the history of the national press. In the magazines, we could identify technical aspects that guided its production, publishing and circulation, during the first decades of the 20th century, in relation to some matters that marked out the press trajectory in Brazil and in South America, without neglecting the aspects related to the distribution of the periodicals printed in Brazilian territory. Seeing that this magazine represents a significant documentary source of the Brazilian education history, we could find, among its issues, worldviews and reading practices valued in that sociocultural context, as well as indications of the targeted readers and the social position from its collaborators and editors were writing.

Keywords: Press. Heritage. Memory.

¹ Universidade São Francisco (USF) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Bragança Paulista e Campinas, Brasil.

² Universidade São Francisco, Programa de Pós Graduação em Educação – Doutorado. Itatiba, Brasil.



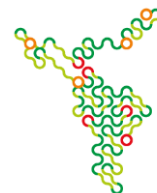
Introdução

Este artigo apresenta reflexões tecidas à luz de questões suscitadas, inicialmente, sobre a imprensa no Brasil, a partir das quais focalizamos a atuação do franciscano frei Pedro Sinzig (1876-1952), em Petrópolis (Estado do Rio de Janeiro, Brasil), durante os anos de 1908-1913. [Período este](#) em que atuou simultaneamente como redator da revista *Vozes de Petrópolis* e diretor da Tipografia da Escola Gratuita São José.

A história da imprensa no Brasil iniciou-se oficialmente em 1808 com a chegada da família real ao Brasil, a qual estabeleceu residência na cidade de Petrópolis. No período anterior, a veiculação de jornais, qualquer outro periódico e livros era proibida no Brasil. As publicações em terras brasileiras eram até então como que consideradas ilegais e subversivas. Na época não podia circular sem a permissão da coroa portuguesa, fato que era uma peculiaridade na América Portuguesa, pois nas demais colônias europeias no continente, a imprensa se fazia presente desde o século XVI. Nos séculos XVIII e XIX, os avanços tecnológicos advindos da Revolução Industrial extrapolaram as fronteiras inglesas e estimularam o aprimoramento de algumas atividades. Uma delas foi a impressão de novos jornais e periódicos, que teve nesse período um grande crescimento. Foi durante esse período que periódicos, como *The Times*, *The Guardian* e *The New York Times* surgiram. Além do aprimoramento de máquinas usadas no processo de prensa, diferentes governos de Estado também investiram e ajudaram a consolidar o conceito de imprensa. A imprensa foi criada oficialmente no Rio de Janeiro, no dia 13 de maio de 1808 com a fundação da Imprensa Régia, hoje chamada de Imprensa Nacional, iniciativa do Príncipe Regente Dom João. Porém, foi somente no dia 10 de setembro desse mesmo ano que o primeiro jornal chamado *A Gazeta do Rio de Janeiro* começou a circular em território nacional. (BAHIA, 1990).

Os franciscanos e a revista Vozes de Petrópolis

A fundação da Editora Vozes (1901) teve sua origem na criação de uma tipografia pelos franciscanos junto à Escola Gratuita São José, justamente em um período marcado pela articulação eclesial ocorrida em todo o território brasileiro, decorrentes de orientações baseadas no ultramontanismo, como uma das reações ao avanço de ideias que defendiam o laicismo. A fundação da Vozes ocorreu no imbricamento da criação de escolas franciscanas no Brasil, entre fins do século



XIX e início do XX, e as demandas por publicações pelas novas escolas católicas que se criaram no País e no esteio de orientações vindas de Roma. Tais publicações foram, em um primeiro momento, didáticas e estavam alinhadas ao pensamento franciscano. Atenderam – à sua maneira – às demandas do contexto sociocultural e político da recém-proclamada república, do redimensionamento e rearticulação do poder da Igreja Católica no Brasil. Estavam à mercê da emergência de relações de trabalho assalariadas, da industrialização e urbanização crescentes e de uma forte corrente imigratória para o país, bem como o enfrentamento de questões oriundas do movimento operário, marcado sobretudo pela presença dos anarquistas, e do confronto político-ideológico constante com a maçonaria e os positivistas.

A Tipografia da Escola Gratuita São José deu origem à Editora Vozes. Nela foram impressos livros que seriam adotados em diferentes escolas, para além das franciscanas, e outras publicações que circularam amplamente entre diferentes segmentos sociais disseminando os princípios católicos e franciscanos.

A Editora Vozes é uma das editoras católicas no cenário brasileiro, além do que, foi uma das precursoras na publicação de livros didáticos e de periódicos católicos, tais como: *Vozes de Petrópolis*, *Echo Seraphico*, *Paz e bem*, *O Arauto*, *Folhinha do Sagrado Coração de Jesus*, *Revista Eclesiástica Brasileira*, *Grande Sinal*, *Concilium: Revista Internacional de Teologia*, *SEDOC: Serviço de Documentação e Estudos Bíblicos*, no transcorrer do século XX. Dentre os periódicos franciscanos publicados pela Editora, neste artigo, focalizamos a revista mensal *Vozes de Petrópolis*, que contou com a ajuda de benfeitores alemães que viabilizaram sua impressão.

[...] a aquisição de uma ‘*Windsbraut*’ construída na Schelter und Giesecke de Leipzig. Com a montagem com os seus periféricos, que demandou uma construção própria, em vez de 4 páginas por vez, puderam ser feitas 32 páginas por impressão. Como tal, o que conduz ao mais importante fator tempo para o bem da imprensa é a economia de tempo e de custos de produção. (SINZIG, 1911, p. 15).

Pontuamos a atenção para o fato de que além do projeto editorial franciscano ater-se às questões religiosas era necessário que ele se viabilizasse economicamente para sua manutenção e continuidade, como nos permite supor as considerações tecidas por Frei Pedro Sinzig (1911).

A leitura das Encíclicas Papais (LEÃO XIII) e das publicações de frei Pedro Sinzig, sobretudo *Através dos Romances: guia para as consciências*, em sua primeira edição de 1915, nos estimularam a entrever que a preocupação com o controle da formação intelectual dos alunos e do conteúdo que deveriam aprender foram alguns dos motes da fundação da Editora Vozes que, por sua vez, tiveram



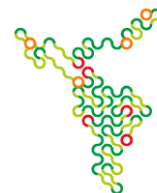
também inúmeras de suas iniciativas amparadas em franco diálogo com representantes do governo republicano. É que sugerem algumas considerações desse mesmo frei privilegiadas abaixo:

Graças à iniciativa de um padre franciscano de Petrópolis e da grande ajuda do deputado da República Dr. Hosana de Oliveira nos primeiros meses do ano foram lançados os fundamentos de uma organização da imprensa católica: “Centro da Boa Imprensa” e “Liga da Boa Imprensa”. (SINZIG, 1911, p. 19).

Os motivos elencados por frei Sinzig que justificavam a organização do Centro da Boa Imprensa e da Liga da Boa Imprensa sinalizam para uma complexa dinâmica e dimensão de uma intrincada rede formada de jornalistas brasileiros e sul-americanos que atuavam na imprensa católica, tanto quanto para o estreito vínculo dessa rede com as autoridades eclesiais do período, a ampla divulgação de suas publicações no território nacional e ancoragem econômica de tais entidades. Chamou-nos a atenção nas palavras de frei Sinzig o papel proeminente da *Vozes de Petrópolis* nas iniciativas adotadas pelos membros do Centro da Boa Imprensa e da Liga da Boa Imprensa:

Por primeiro, provê a imprensa com bons artigos, servindo como fontes, cuidando de fundamentadas e rápidas refutações das calúnias e procura indicar contra a miséria literária a edição de bons romances, obras apologéticas, etc. Por fim, cria os meios necessários, devendo, ao mesmo tempo, possibilitar a organização dos católicos, como também despertar sempre mais o interesse na imprensa católica. O mais simples é conceber a instituição da Liga. A contribuição mensal dos membros é espontânea. [...] O Exmo. Sr. Bispo Diocesano, vindo especialmente para este fim, fez a abertura do primeiro congresso de jornalistas sul-americanos, de um lado o pequeno número de periódicos católicos e vindos de longe, doutro, estavam presentes 50 correspondentes de jornais e revistas católicas, que em reuniões de vários dias aceitaram, após discussões aprofundadas, os princípios formulados pela “Vozes de Petrópolis”. Petrópolis foi escolhido como sede do centro de imprensa segundo o desejo de sua Eminência Sr. Cardeal. [...]. Foram reproduzidos pelos jornais e revistas 30 dos artigos enviados pela central de imprensa, que encontraram ressonância no norte, no sul, no oeste e no leste. Os jornais católicos, decisão do congresso dos jornalistas, se uniram numa associação. Já no primeiro ano, a Liga da Boa Imprensa chegou a 50 grupos. (SINZIG, 1911, p. 19).

O teor do Relatório Anual (1911) nos induz a pensar que para se ter a justa dimensão das iniciativas implementadas pelos franciscanos voltadas à implementação, ao aprimoramento e à ampliação da imprensa católica no Brasil é necessário atentarmos para o engajamento de várias autoridades eclesiais nas diferentes frentes de atuação editorial, bem como na interlocução que se registra com o Vaticano e a articulação com os franciscanos da Alemanha. Observando-se com atenção tais conexões percebe-se a franca articulação entre os franciscanos e as iniciativas papais no



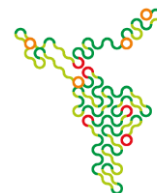
período balizadas por um projeto da Igreja Católica, destinado a garantir o “[...] futuro da vida religiosa”, através da imprensa e iniciativas educacionais que extrapolam o universo escolar.

Além de obras menores, a central publicou uma muito atual do excelente escritor, o Sr. Bispo do Maranhão: “Páginas de Combate”. O editor deste relatório anual [frei Pedro Sinzig], que por outras razões foi enviado para a Alemanha para o estudo da organização da imprensa, agradece a bondade da Sua Excia. Bispo Franciscano Amandus Bahlmann, Prelado de Santarém, pela audiência particular com o Santo Padre, [...] Em grande parte, o futuro da vida religiosa depende do progresso maior das associações da imprensa, no que o clero e o povo de todos os estados do Brasil estão igualmente interessados. Endereço da central é: Centro da Boa Imprensa, Caixa do Correio 4. Petrópolis (Rio de Janeiro). (SINZIG, 1911, p. 20).

No excerto do Relatório citado acima é possível flagrar como a imprensa é tomada pelo clero, ou pelo menos pela parte do clero que compartilha das mesmas ideias de frei Pedro Sinzig. Ela é um *locus* de resistência católica e arena de tensões, disputas e conflitos que – ao nosso ver – extrapolam o desejo de “refutar calúnias”. Além do que a clareza com que frei Pedro compreende a importância da imprensa como meio de comunicação e instrumento de formação, no período, ao atribuir-lhe a responsabilidade de garantir tal “futuro” desde que se tenha o “[...] progresso maior das associações da imprensa”.

Destacamos também o fato da cidade de Petrópolis ter sido a sede proeminente desta “resistência” no Brasil, o que sinaliza para a importância do trabalho desenvolvido pelos franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Brasil no contexto de articulação política nacional. Destacamos de modo especial o empenho de frei Pedro Sinzig nas iniciativas editoriais implementadas pela Ordem Franciscana, o que talvez possa sugerir sua proeminente atuação como interlocutor e articulador de lideranças católicas, oriundas de diferentes segmentos sociais, dentre os quais, no âmbito deste artigo, privilegiamos segmentos sociais letrados (TFOUNI, 1988; SOARES, 2008) urbanos.

Acreditamos que tal contexto mereça ser explorado com mais vigor em futuras pesquisas, parece-nos que temos aí indícios pouco pesquisados até o momento, ou seja, da intensa atuação editorial e educacional dos franciscanos no país. Parece-nos que a imprensa e a educação caminhavam, no período já mencionado, irmanadas com os franciscanos da recém-criada república. Porém, não podemos ser ingênuos e adotarmos o teor desse relatório como uma versão definitiva e isenta de intencionalidades, será necessário avançarmos na análise do relatório à luz do confronto com outras fontes, antes de endossarmos o que foi registrado no documento. (THOMPSON, 1998).



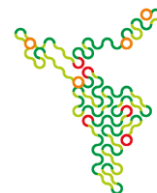
Frei Pedro Sinzig, redator da Vozes de Petrópolis: da materialidade das fontes aos indícios de tensões, disputas e conflitos

Ao focalizarmos a atuação de frei Pedro Sinzig como redator da revista *Vozes de Petrópolis* (1908-1913), nos aproximamos de sua atuação editorial e educacional, sua interlocução e articulação com determinados segmentos das elites letradas urbanas e muitas das ideias que defendia e das que combatia.

Ele foi contemporâneo da expansão da produção editorial e do aumento significativo de leitores no país. Frei Pedro, com o intuito de modernizar a impressão, na época, trouxe da Alemanha a máquina *Windsbraut* que dobrava, costurava e imprimia, o que propiciou a ampliação e agilidade das publicações, estimulando a diversificação editorial da editora Vozes, incluindo aí os Livros de Leitura e os livros religiosos. Ele foi também um dos mentores do I Congresso de Jornalistas Católicos (1910) ocorrido em Petrópolis e lançou, na então capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, as bases do *Diário Católico*, tendo colaborado com um grande número de periódicos católicos do Brasil.

A trajetória de frei Pedro Sinzig foi marcada tanto por significativos embates com diferentes segmentos sociais que se opunham ao catolicismo e sua forte presença na sociedade brasileira (anarquistas, maçons, liberais que defendiam o distanciamento do Estado da Igreja etc.), quanto pela atenção especial às temáticas voltadas à família, maternidade e infância, mesmo antes de atuar como redator (1908-1913). Sua trajetória estava em franca sintonia com o que, o Papa Leão XIII (1810-1903) e o Papa Pio X (1835 -1914) preconizaram sobre a imprensa e a educação. Eles se depararam, em linhas gerais, com a questão da laicidade do Estado, a consolidação do capitalismo no ocidente, o movimento operário e o avanço do conhecimento científico como fator determinante e explicativo da realidade, visão legitimada por positivistas e maçons, dentre outros aspectos. Percebe-se a preocupação com que esse franciscano atenta para a educação, ao assumir a necessidade de se propor e implementar um método de ensino destinado à juventude que fosse ao encontro dos ditames da Igreja Católica.

Outro aspecto salientado é sua preocupação em se educar a família e se respeitar os superiores. Chamamos à atenção para o fato de que no contexto a Europa e, mesmo que de forma mais incipiente, o Brasil conviviam com um movimento operário que lutava por melhorias das condições de trabalho,



salários, alimentação e moradia, ancorados em ideias pautadas pelas questões decorrentes da luta de classes e exploração da mais valia.

Frei Pedro Sinzig alerta, no esteio de ideias do Papa Leão XIII, para a necessidade de se atentar para os periódicos em circulação, sobretudo os que identifica como fontes corrompidas que colocam em perigo os bons costumes e a integridade da religião. É interessante destacar que ele reconhece um desejo de ler em potenciais leitores e defende a publicação de jornais que sustentariam a verdade, a virtude e a religião. A partir de outra perspectiva, Walter Benjamin (1989) também se referiu ao hábito crescente de leituras dos periódicos na virada do século XIX para o XX, o que nos estimulou a supor que a leitura de periódicos impactou o cotidiano dos contemporâneos daquele período, sobretudo àqueles que pertenciam aos segmentos urbanos e que haviam de alguma maneira experienciado ou a escolarização e ou práticas de letramento distintos.

Frei Pedro Sinzig também demonstra sua preocupação com o que ele identifica como ideias que se opunham ao catolicismo e defende a intervenção das autoridades públicas na repressão das mesmas. Ele também volta suas críticas para além dos periódicos, trazendo à tona suas preocupações relativas ao teatro e aos livros, indo ao encontro das preocupações do Papa Leão XIII. Estas manifestações artísticas – o teatro e livros, para além dos periódicos, nas palavras do Papa – ao invés de “alívio do ânimo [... seriam] utilizadas como iscas para inflamar as paixões humanas.” (LEÃO XIII, 1888, p. 358). Na década seguinte, Leão XIII defende que “[...] Não há, portanto, dúvida de que é tarefa da Igreja guardar a doutrina de Cristo e propagá-la inalterada e incorrupta. [...] A fé sozinha não é suficiente para atingir meta tão grande e excelsa.” (LEÃO XIII, 1896, p. 631).

Destacamos sobretudo o Papa Leão XIII, porque entendemos que muitas de suas orientações vão ao encontro das orientações do Papa Pio X, seu sucessor que assumiu as funções em 1903 tendo permanecido até 1914, quando faleceu. Esse Papa valorizou o estudo do canto gregoriano e do catecismo, tendo organizado o *Catecismo de São Pio X* (1917). Supomos que as iniciativas de frei Pedro Sinzig como redator da revista *Vozes de Petrópolis* (1908-1913) iam ao encontro das orientações do Papa Pio X e, por sua vez, estas traziam indícios de continuidade das preocupações do Papa Leão XIII. Destacamos ainda que frei Pedro Sinzig, em sua trajetória religiosa dedicou-se com afinco à música sacra, o que parece sugerir mais um indício que corrobora nossa suposição.

A par das considerações acima, em nossa pesquisa promovemos o imbricamento de aspectos da materialidade da revista *Vozes de Petrópolis* com o teor de seu conteúdo. Para tal, mobilizamos



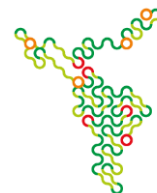
diferentes fascículos, respectivos sumários e artigos. Nesse texto abordamos os aspectos identificados e analisados que julgamos mais instigantes considerando-se a natureza dessa publicação.

Identificamos aspectos técnicos que orientaram a produção, publicação e circulação da *Vozes de Petrópolis* em conexão com algumas questões que balizaram a trajetória da imprensa no Brasil e na América Latina, nas primeiras décadas do século XX, atentamos à distribuição de impressos periódicos, em particular católicos, no território brasileiro à luz das iniciativas de seu redator, no período de 1908-1913, frei Pedro Sinzig.

A *Vozes de Petrópolis* era uma revista que possuía em média mais de 70 páginas, no formato 14 x 21 cm, com diferentes ilustrações. Rastreamos nos fascículos da revista indícios de tensões e disputas relativas à história da educação franciscana no Brasil em conexão com a história da imprensa nacional. Por entre seus fascículos, flagramos visões de mundo, práticas de leitura valorizadas naquele contexto sociocultural, assim como indícios do público leitor ao qual se destinava e do lugar social do qual seus colaboradores e editor escreviam.

A revista apresentava-se, em seu subtítulo, como uma publicação “[...] mensal, religiosa, científica e literária [...]”, prometendo, em seu primeiro editorial, que esta teria “[...] caráter geral e não puramente religioso [...]” e que traria “[...] artigos variados, que terão o cunho da atualidade. Nenhuma região da ciência e da técnica, da teoria e da prática será excluída do programa.” (VOZES DE PETRÓPOLIS, 1907, p. 1). A repercussão da revista *Vozes de Petrópolis* sob a direção de Frei Pedro Sinzig espalhou-se, em pouco tempo, por todos os estados do Brasil, tornando conhecida a tipografia dos franciscanos de Petrópolis. No ano de 1909, dois anos após o lançamento, a revista contava com “[...] 1.700 assinantes, fora as vendas avulsas.” (SINZIG 1911, p. 15).

As temáticas recorrentes durante os anos de 1908-1913 foram: ciência, conjuntura mundial, comentários e resenhas de artigos em jornais e revistas do Brasil, da Europa e da América do Norte; recomendações de livros, história do movimento franciscano, notícias locais (Petrópolis), nacionais e internacionais; capítulos de romances, literatura poesias, dentre outras seções. Dentre os autores citados encontramos, por exemplo: frei Francisco de S. Carlos, Fagundes Varela, Conde Affonso Celso, D. Antonio de Macedo Costa, João de Lemos, Aristides Werneck, Barão de Paranapiacaba, Aurea Autran, Paulino de Brito, Joaquim Manoel de Macedo, Jonathas Serrano, J. B. Bezerra Leite, Carmo Gama entre outros, Egas Moniz Barreto de Aragão, P. Guilherme Wiesenbach, João D’Alva, Julio Tapajós, frei Nicodemos, J. Soares D’Azevedo e o próprio frei Pedro Sinzig.

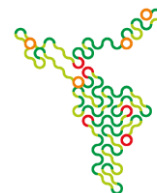


Privilegiamos um encarte especial da revista *Vozes de Petrópolis*, publicado em 1913, intitulado “Ferrer ‘Mártir’ ou ‘patife’?”, assinado por frei Pedro Sinzig. Destacamos que este encarte foi publicado dois anos após o fuzilamento de Ferrer, o que sugere o empenho dos militantes anarquistas em dar continuidade às ideias daquele educador. É importante notar o papel que a instituição escolar assume tanto para os que eram a favor do *status quo* quanto para os que se opunham à ele. Tal encarte apresenta a participação do religioso em uma reunião organizada por militantes anarquistas que, provenientes do Rio de Janeiro, se dirigiram à Petrópolis para difundir o ensino racionalista de Ferrer e buscar apoio para a fundação de uma Escola Moderna na cidade. Neste encarte foi divulgado que frei Pedro Sinzig havia vencido uma acirrada discussão com tais militantes, posto que havia demonstrado que Ferrer era um “patife” e não um “mártir”, tendo conseguido impedir a fundação da escola. Este encarte apresenta uma versão da biografia de Ferrer distante daquela que o definia como um pensador da educação operária, considerando-se que de acordo com Gallo (2013, p. 242)

A escola de Ferrer era o exato contraponto da escola em que [ele] havia estudado e que abominava: uma escola centrada nos dogmas religiosos, com os alunos fechados entre quatro paredes, em condições insalubres e sem higiene, organizada segundo um sistema meritocrático que premiava os acertos e castigava os erros e as falhas. A *Escuela Moderna* era um local amplo e arejado, com salas bonitas e bem decoradas, espaços múltiplos e pátios externos, para atividades ao ar livre. Além disso, eram frequentes as atividades fora da escola: visitas a fábricas, passeios pela praia para estudar a geografia local e assim por diante. Por entender que os livros didáticos disponíveis à época não eram adequados àquilo e à forma como pretendia educar, criou uma editora, *La Editorial*, para publicar os livros que seriam utilizados em sua escola.

Os contemporâneos da virada das primeiras décadas do século XX - Ferrer e frei Pedro Sinzig – parecem concordar que a escola e a imprensa eram importantes para a formação e disseminação de ideias. A par das considerações de Gallo, cumpre trazer as palavras de quem defendeu Ferrer nos tribunais, para nos aproximarmos da repercussão, das tensões e dos conflitos que suas ideias geraram entre diferentes segmentos sociais para além dos católicos e do Brasil:

Resumiendo, señores: Francisco Ferrer Guardia, perseguido por sus ideas racionalistas, empujado y acosado hasta el último extremo, envuelto un día en abominable crimen, cerradas sus escuelas es insultado un día y otro por los partidos de la intransigencia, ni se rinde ni pide venganza: trabaja. Trabaja, sí: en vez de acaudillar las masas, las educa, busca la gente, impulsa y dirige a los demás hacia el foco esplendoroso de la razón, señala el verdadero fin de la humanidad, y busca, proporciona y distribuye la ciencia de los sabios como único armamento para sus rebeliones; estas son sus ideas. (GALCERÁN FERRER, 1912, p. 35 *apud* GALLO, 2013, p. 246).



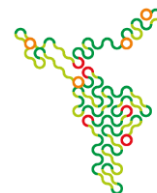
Ainda, segundo Gallo (2013, p. 249), “Em 29 de dezembro de 1911, Francisco Ferrer foi declarado [...] pela justiça espanhola inocente das acusações que o levaram à morte, [...] Morto Ferrer, ele já não era uma ameaça aos poderes constituídos.” O encarte que circulou pela *Vozes de Petrópolis* em 1913 relativiza esta afirmativa.

Algumas considerações parciais

Frei Pedro Sinzig era um católico de seu tempo. Por meio da revista *Vozes de Petrópolis*, enquanto foi seu redator (1908-1913) travou calorosas polêmicas com aqueles que, a seu ver, ameaçavam a Igreja Católica. Além disso, ele participou ativamente da modernização da Tipografia que passou a produzir materiais didáticos, inicialmente para a Escola Gratuita São José e, posteriormente, para várias outras escolas católicas do Brasil. Ele escreveu várias obras (romances, contos e novelas) de caráter religioso e a pesquisa de sua atuação potencializa novas perspectivas para a história da educação brasileira.

Referências

- BAHIA, J. **História da imprensa brasileira**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAPELATO, M. H. R. **Imprensa e história no Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.
- DARNTON, R. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GALLO, S. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da escola moderna. **Pro-Posições**, 2013, 24(2), 241-251. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072013000200015>
- LEÃO XIII. **Documentos de Leão XIII (1878-1903)**. Tradução de Honório Dalbosco e Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 2005.
- Sinzig, P.. Editorial. **Vozes de Petrópolis**, 1907, 1(1), 1.
- _____. Ferrer mártir ou patife. **Vozes de Petrópolis**, 7 (encarte especial), 1913.
- _____. Petrópolis. In: P. Sinzig. **Jahrbuch 1910 der Südbrasilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfängnis: Im Auftrage des Provinzialates herausgegeben**. Tradução de Frei Lauro Both. Petrópolis: Vozes de Petrópolis. 1911



SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2008.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1988.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.